

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## TRAÇADOS DE UMA TEMPORALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA: INTERLOCUÇÕES COM A TRAJETÓRIA DE VIDA DE QUINTINA PACCINI (1940-1978)

Tuany Defaveri Begossi  
Doutoranda em Ciências do Movimento Humano - UFRGS  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS  
tuany\_begossi@hotmail.com

Janice Zarpellon Mazo  
Doutora em Ciências do Desporto - U. Porto  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS  
janice.mazo@ufrgs.br

### Resumo

O presente estudo tem por objetivo apreender a trajetória de vida de Quintina Paccini, compreendendo seu percurso no campo da Educação Física, durante o período de 1940 a 1978. O recorte temporal inicial se justifica por ter sido 1940 o ano em que Quintina ingressou na ESEF enquanto aluna da primeira turma do Curso Normal de Educação Física, e 1978, pois, marca o ano de sua aposentadoria na ESEF. O texto historiográfico arquitetado se situa no campo da História da Educação Física e busca sustentação na História Cultural, em conexão com o entendimento de experiência. Para tanto, foram interpretados três documentos orais oriundos de entrevistas realizadas com Quintina. Tais materiais de pesquisa foram amalhados com o referencial teórico-metodológico empregado na investigação e evidenciaram representações particulares sobre o modo como as experiências forjaram Quintina enquanto mulher, professora e cidadã, em um tempo repleto de disputas simbólicas e embates que conduziam os próprios direcionamentos do campo da Educação Física e do Esporte no país.

**Palavras-chave:** História da Educação Física. História de Vida. Mulher.

### Introdução

A história, de acordo com Pesavento (2006, p. 7) “é sempre construção de uma experiência, que reconstrói uma temporalidade e a transpõe em narrativa”. O registro pela narrativa historiográfica, de um passado vivido, nos dá a ver um tempo escoado, que alcança o presente por meio de indícios, discursos e marcas que balizam sua historicidade. Conforme a autora (2006, p. 3), ao construirmos uma representação social da realidade, “o mundo passa ser tal como nós o concebemos, sentimos e avaliamos”. O testemunho,

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

neste sentido, possibilita apreender de modo particular, como determinado contexto histórico, bem como as relações nele moldadas, foram retidos na memória dos sujeitos que os vivenciaram.

O acesso ao passado mediante as lentes da memória de um sujeito particular, nos permite alcançar, sobretudo, uma dimensão subjetiva da sensibilidade, obtendo através de seu testemunho, registros formulados sobre sua própria história de vida e suas experiências. Para Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. A experiência, portanto, é um entendimento que está estritamente ligado ao indivíduo e, desta maneira, não pode separar-se dele. Ela “somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo” (BONDÍA, 2002, p. 27).

No fluxo de tais concepções, a investigação em questão posiciona na tessitura do tempo a trajetória de vida de Quintina Cândida Marna Letícia Rachel Crocco Paccini<sup>1</sup>, que enquanto professora do ensino primário do Rio Grande do Sul (1937-1940), realizou o Curso Normal de Educação Física, na Escola Superior de Educação Física (ESEF)<sup>2</sup> do estado do Rio Grande do Sul (1940-1941), onde tornou-se professora posteriormente (1942-1978). Entre a condição de aluna e professora, Quintina vivenciou por mais de três décadas a instituição, ou seja, foram 38 anos na ESEF, ocupando diferentes posições em tempos distintos. Tais vivências foram moldando suas percepções, entendimentos e representações sobre o campo da Educação Física de modo amplo e, particularmente, sobre sua própria posição no contexto no qual subscrevia sua prática.

Diante do exposto, o presente estudo tem por objetivo apreender a trajetória de vida de Quintina Paccini, compreendendo seu percurso no campo da Educação Física, durante o período de 1940 a 1978. O recorte temporal inicial se justifica por ter sido 1940

---

<sup>1</sup> A história de Quintina cruzou o caminho das autoras durante a disciplina de Estudos Socioculturais II, ministrada pela Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo, na ESEFID/UFRGS, no ano de 2016. A proposição de um trabalho que objetivava registrar as memórias de professores(as)/profissionais da Educação Física fez com que uma das alunas registrasse, brevemente, a trajetória de Quintina. A partir de então, iniciaram-se os contatos com a família que, gentilmente, auxiliou no agendamento dos encontros e na realização das entrevistas. Agradecemos especialmente a Quintina e seus familiares pela disponibilidade, atenção e cuidado na condução desta aproximação que possibilitou a escrita do presente trabalho.

<sup>2</sup> Atual Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o ano em que Quintina ingressou na ESEF enquanto aluna da primeira turma do Curso Normal de Educação Física - formação esta que iniciou juntamente às demais atividades da instituição, e 1978, pois, marca o ano de sua aposentadoria da ESEF.

O texto historiográfico arquitetado pela investigação se situa no campo da História da Educação Física e busca sustentação nos pressupostos de práticas e representações, da História Cultural (PESAVENTO, 2006; BURKE, 2008; CHARTIER, 2017), em conexão com o entendimento de experiência de Bondía (2002). Trata de apresentar uma leitura da trajetória de vida de uma mulher que ocupou diferentes posições dentro de um espaço e tempo particulares. Esse entendimento foi possível de ser acessado através de seus testemunhos, os quais sustentam uma dupla condição: por um lado, são marcas de historicidade; por outro, representações de algo que teve seu lugar no tempo (PESAVENTO, 2006). Deste modo, a narrativa aqui exposta foi orientada tendo por desígnio compreender as percepções de Quintina, por meio das representações sobre o passado retidas em sua memória e registradas por meio de seu depoimento oral.

A narrativa pode ser compreendida pela História Cultural como um meio de dar voz para as pessoas comuns e para “as maneiras pelas quais elas dão sentido às suas experiências, suas vidas, seus mundos”. Neste sentido, Burke (2008, p. 158), sublinha um interesse “pelos práticas narrativas características de uma cultura em particular, pelas histórias que as pessoas naquela cultura contam a si mesmas sobre si mesmas”. Assim, para construção da presente investigação, contamos com um documento oral, onde registrou-se uma entrevista realizada com Quintina, no ano de 2005, que se encontrava disponível no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte (CEME/ESEFID/UFRGS)<sup>3</sup>. Para além deste, foram realizadas pelas autoras deste estudo<sup>4</sup> outras duas entrevistas com Quintina, nos dias 18 de outubro de 2016 e 26 de outubro de 2016, respectivamente. Tais entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas, constituindo-se também enquanto documentos orais (ALBERTI, 2005). Tais materiais foram analisados tendo por base a técnica de análise documental (BACELLAR, 2010).

---

<sup>3</sup> A entrevista pode ser acessada na íntegra através do seguinte endereço eletrônico: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/50031>

<sup>4</sup> As entrevistas foram realizadas pela Profa Dra. Janice Zarpellon Mazo e pela Profa. Ma. Tuany Defaveri Begossi, totalizando mais de 3 horas de gravação. Os mencionados depoimentos orais compõem o acervo do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME) e do Centro de Memória do Esporte (CEME).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O texto historiográfico apresentado foi produzido buscando registrar sinais do passado que remetam aos fatos acontecidos, sendo organizado em duas categorias temáticas de análise para a trajetória de vida pesquisada. Para tanto, empregamos as expressões de Pesavento (2008, p. 190), quando afirma: “se no domínio da composição da narrativa, o historiador é o senhor do tempo, o depoente é o senhor da fala, redimensionando o tempo do passado”. Logo, nos tópicos que seguem apresentamos as duas categorias de análise, entendendo Quintina como a “senhorinha da fala”: a) A “senhorinha da fala” recorda seu tempo de aluna e professora; b) A “senhorinha da fala” repassa sobre ser mulher na educação física.

## **A “senhorinha da fala” recorda seu tempo de aluna e professora**

Quintina, ao final de uma de suas entrevistas, após ter explanado sobre aspectos de sua trajetória enquanto aluna e professora da ESEF, refletiu: “se eu morrer e voltar aqui, eu quero ser professora de Educação Física, porque eu adorava” (PACCINI, 2016b, p. 20). Para Bondía (2002, p. 24), o sentido atribuído à experiência relaciona-se com a “possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque”. O sujeito da experiência, por sua vez, “se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (BONDÍA, 2002, p. 24). Neste caminho, se para o pedagogo espanhol a experiência é algo externo, ou seja, aquilo “que nos passa, que nos acontece, que nos toca” (p. 21), ao reafirmar sua escolha em ser professora de Educação Física, Quintina se coloca, pois, enquanto lugar desta experiência, a qual é expressa através de suas palavras e representações sobre o vivido.

Quintina Cândida Marna Letícia Rachel Crocco Paccini<sup>5</sup> nasceu na cidade de Santa Maria/RS, no dia quatro de setembro de 1918. Apesar de ter naturalidade santamariense, residiu por muitos anos na capital do estado, Porto Alegre/RS. Nesta cidade, obteve sua formação no Curso Complementar, da então denominada Escola Normal General Flores da Cunha, no ano de 1937 e, na sequência, ingressou no Curso Normal de

---

<sup>5</sup> O nome longo de Quintina gerou a curiosidade de uma das autoras, que notou cinco nomes próprios, seguidos do sobrenome do pai dela – Crocco e, na sequência o nome do marido - Paccini, visto que, na época, as mulheres, após o casamento, incorporavam, obrigatoriamente, o sobrenome do marido. Ao ser questionada sobre seu nome, Quintina explicou que homenageavam mulheres da família dela.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Educação Física, na recém criada Escola Superior de Educação Física (ESEF)<sup>6</sup>, no ano de 1940.

Em seu depoimento (2005), mencionou que fez sua inscrição sem saber ao certo quais eram os direcionamentos que a formação no Curso Normal de Educação Física ofereceria. Segundo ela, a matrícula no curso foi realizada porque gostava do movimento e o primeiro desafio foi aprender a dividir espaço com colegas que já trabalhavam com o esporte ou mesmo que já se destacavam no campo como atletas. Quintina ingressou na primeira turma do Curso Normal de Educação Física da ESEF, o qual possuía, na época, duração de um ano.

Para frequentar o Curso na ESEF os(as) candidatos(as) deveriam apresentar o diploma de normalista, ou seja, o documento que comprovava a conclusão dos estudos em escolas normais ou complementares. Neste sentido, para além de firmar-se no campo sul-rio-grandense como precursora na formação de professores(as) da área, a ESEF foi pioneira também “na emergência de um(a) novo(a) profissional: o(a) Normalista Especializado(a) em Educação Física” (LYRA, 2013, p. 149). O objetivo da referida formação era aperfeiçoar professoras(es) normalistas e/ou complementaristas, para atuação com a Educação Física, nas escolas primárias do estado.

O mencionado curso permaneceu em vigência durante o período de 1940 a 1956. Durante o período em que se manteve em atividade, o Curso Normal de Educação Física da ESEF recebeu, em sua maioria, matrícula de professoras mulheres. Na época, a formação deste nível ocorria durante um intenso ano de estudos. Os(as) alunos(as) precisavam cumprir a totalidade do programa de conteúdo, composto por cerca de 17 disciplinas, divididas em aulas teóricas e práticas (BEGOSSI, 2017). O programa do curso, por sua vez, deveria ser cumprido em turno integral e, para além deste aspecto, havia a necessidade de os(as) alunos(as) precisarem se deslocar por diferentes espaços da cidade de Porto Alegre, visto que a ESEF ainda não possuía sede própria.

Em seu depoimento, Quintina (2005, p. 5) mencionou que “o primeiro ano foi muito difícil. As aulas eram pela manhã e à tarde e realizavam-se em vários locais. Além

---

<sup>6</sup> A ESEF, atual Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) foi inaugurada, oficialmente, no ano de 1940. Como primeira instituição estabelecida no Rio Grande do Sul com a finalidade de formar/especializar professores(as) de Educação Física, manteve-se como a única a desempenhar tal função pelos trinta anos que se seguiram após sua criação (1940-1970) (LYRA, 2013).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

disso, relatou o rigor presente na rotina de aulas: “Não podia chegar atrasada” (PACCINI, 2016a, p. 1). Segundo Quintina, por conta da sobrecarga de aulas teóricas e práticas, muitas alunas adoeceram durante o ano de formação. Rememorou ainda a severidade dos professores, os quais eram, em sua maioria militares oriundos da Brigada Militar<sup>7</sup>. Consta em seu depoimento:

Foi um horror. Eu tinha um irmão que era médico. Ele me dava um remedinho para eu ficar acordada a noite toda para estudar. [...] Nós tínhamos pouco tempo para estudar, para decorar aquilo tudo. [...] Uma vez eu fiz o exame, botei a prova na classe e caí. E fiquei ali, dormindo, de tão cansada. Outra vez, eu vim para casa, deitei e só acordei no outro dia. E “ai” de mim se eu não acordasse para chegar na hora. Não podia se atrasar. No final foi um horror. Não foi brincadeira. Todas que chegaram ao final chegaram exaustas (PACCINI, 2016a, p. 1).

Após a conclusão do curso, conforme mencionou Quintina, a maioria de suas colegas que tinham vivências em práticas esportivas foram convidadas para atuar como professoras auxiliares da ESEF. Tais alunas “competiam pelos clubes de Porto Alegre e eu não fui convidada, pois, eu não era boa em nada. Eu era interessada, mas, não era atleta” (PACCINI, 2016a, p. 2). Notamos que a experiência esportiva foi valorizada na ESEF, uma vez que as alunas “esportistas” ocuparam os primeiros lugares na classificação ao final do Curso Normal de Educação Física e, por conseguinte, foram as escolhidas para permanecerem lecionando na instituição. As demais foram direcionadas para ministrar aulas em escolas do estado como, por exemplo, no Instituto de Educação General Flores da Cunha (PACCINI, 2016a). Outras, retornaram para as escolas nas quais já lecionavam, no interior do estado, antes de buscar a formação em Porto Alegre.

Quintina, por sua vez, havia sido classificada na 26ª colocação, entretanto disse que não demorou para ser chamada porque as colegas posicionadas anteriormente já estavam colocadas nas escolas. Assim, ela foi chamada para dar aula na ESEF, mas “ganhava como professora de ensino primário. Essa situação permaneceu por 12 anos” (PACCINI, 2016a, p. 3). Na ESEF, Quintina responsabilizou-se pela disciplina de

---

<sup>7</sup> “Brigada Militar” refere-se a Polícia Militar do Rio Grande do Sul. No estudo de Pereira (2016), destaca-se que o “Corpo Policial da Província” emergiu no ano de 1837. Posteriormente, com a Proclamação da República, o corpo policial passou a ser denominado “Guarda Cívica” e, em 1982 alterou o nome para “Brigada Militar”.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“Educação Física Geral – Feminina”, para a qual adotava o Método Francês como orientador do aprendizado.

Acerca deste aspecto intrínseco a sua prática, aludiu que “era só Método Francês. Nós recebemos da Escola esse método e tudo girava em torno dele. [...] Quando nós começamos a trabalhar, as aulas eram orientadas por este método” (PACCINI, 2005, p. 4). A despeito disso, asseverou que alguns professores teciam críticas a adoção do referido método, porém, o trabalho fora sendo desenvolvido por um tempo significativo, tendo por embasamento tais orientações. Segundo Quintina:

Na década de 1940, nós ensinávamos o Método Francês. Foi assim por muitos anos. E tinha um professor que era do Rio de Janeiro, Inezil Penna Marinho<sup>8</sup>, que passava nas escolas para verificar se nós estávamos aplicando esse método direito, se regíamos direito. Não me recordo se ele vinha uma vez por ano ou mais vezes, mas ele vinha (PACCINI, 2016a, p. 11)

Para além de sua atuação na disciplina de “Educação Física Geral – Feminina” junto às alunas da ESEF, Quintina detém uma lista significativa de cursos de aperfeiçoamento. Em seu “Curriculum Vitae” (PACCINI, 1975), estão anotados mais de 30 cursos, congressos e conferências assistidas, além de 28 “Experiências Docentes”, conforme denominado por ela, realizadas concomitantemente a sua atuação enquanto professora da ESEF, durante o período de 1942 a 1978. Em seu depoimento, Quintina rememora as formações que obtivera, sobretudo em Santos, no estado de São Paulo. Tais formações eram conduzidas por professores estrangeiros e, ao final, avaliava-se os(as) participantes através de provas. Ela sublinha: “nós fazíamos prova no final e ganhávamos nota. [...] Durante muitos anos eu fui. Eu tenho as provas, os certificados desses cursos ainda guardados” (PACCINI, 2016a, p. 12).

Durante seu testemunho recordou-se que em um dos cursos realizados em Santos/SP, as(os) participantes foram instruídos sobre “sessões de Ginástica Sueca”. Na ocasião, estava grávida de seis meses, mas, fez questão de viajar a São Paulo e participar da totalidade do curso: “cheguei lá e falei com o professor. Disse que estava grávida, mas que queria aprender a Ginástica Sueca. Ele me mandou ficar no fundo. Metade eu fazia e metade eu tomava nota” (PACCINI, 2016a, p. 13). Ao retornar para Porto Alegre, passados alguns dias, Quintina observou que no jornal havia uma notícia:

---

<sup>8</sup> Inezil Penna Marinho atuava na então Divisão de Educação Física, do Ministério da Educação e Saúde.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No jornal estava escrito: “Ginástica Sueca na Escola de Educação Física para os militares”. Bem, no dia seguinte, cheguei na Escola e fui conversar com o Diretor, pois tinha interesse em fazer o curso. Cheguei e falei com o Targa<sup>9</sup>, que era o Diretor. Eu disse para ele: “olha, já tem o professor de Ginástica Sueca?”. Ele me falou assim: “Tem. É a senhora”. Acredita que ele disse que era eu quem ia dar aula? Eu, com aquela barriga iria dar o curso. E foi isso mesmo que aconteceu (PACCINI, 2016a, p. 14).

Quintina rememora que, no princípio, a Ginástica Sueca era muito estática, mas, com o tempo foram sendo inseridos movimentos mais balanceados. Para a nossa surpresa, neste momento da entrevista, aos 98 anos de idade, Quintina levantou-se da poltrona onde estava sentada e facilmente demonstrou como eram os balanceios da Ginástica Sueca. Inclusive, se dispôs a ir ao seu quarto vestir a “malha” que usara na época em que fora professora na ESEF e que, segundo ela, ainda lhe servia muito bem. As autoras deste estudo, admiradas com a inesperada reação, disseram que isto não era necessário, mas, mesmo assim, ela fez questão de ir até o quarto e trazer a “malha” guardada ao longo de décadas. Retornou segurando uma pequena “malha” preta, confeccionada de material conhecido como “elanca” e exibiu na frente do seu corpo magro, sugerindo que seu “manequim” não tinha se alterado com a maternidade e o passar dos anos.

Os movimentos, tão presentes em sua memória e tão naturalmente reproduzidos pelo seu corpo naquele momento, a conduziram de volta ao tempo em que demonstrava à classe uma sessão de Ginástica Sueca. Naquele instante, Quintina desfrutou do que Bondía (2002, p. 24) chama de a arte do (re)encontro com sua experiência, suspendendo “o automatismo da ação, cultivando a atenção e a delicadeza, abrindo os olhos e os ouvidos” para nos falar sobre o que a compunha enquanto professora de Educação Física. A leveza e agilidade de movimentos daquela senhora de 98 anos, assim como a energia que sua voz transmitia, de certa forma, tomou conta do ambiente e despertou ainda mais o interesse das autoras em saber mais como fora aquele tempo.

A trajetória de Quintina também foi sendo significada por atividades que desenvolvia no ambiente externo ao da ESEF. Recordou-se, por exemplo, de cursos que ministrara em cidades do interior do estado do Rio Grande do Sul, os quais tinham por objetivo atualizar professores(as) que atuavam no ensino primário e, também, militares que, por vezes, desempenhavam atividades em instituições de ensino. Tais cursos eram

---

<sup>9</sup> Coronel Jacintho Francisco Targa.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

definidos como “aulas e cursos rápidos de férias. Eram realizados aqui [Porto Alegre] e em outros municípios. Havia sempre 200, 300 pessoas de determinadas regiões” (PACCINI, 2016b, p. 8).

Ademais, recordou-se da vivência que teve junto ao coronel Jacintho Targa. Nas palavras de Quintina, o coronel Targa possuía “uma sala anexa à sua casa, onde eu dava aulas para senhoras. Eu dava três aulas para senhoras. Saía uma e entrava outra” (PACCINI, 2016a, p. 13). Este trabalho também a oportunizou dar aulas ao vivo, pela televisão. Segundo Quintina, “eu dei muitas aulas na TV. Eu levava as alunas de lá [da casa do Targa] e dava aula na TV. Mas, depois eu deixei. Eu não ganhava nada para fazer isso” (PACCINI, 2016a, p. 13). Quintina mencionou que, para além de não ser remunerada para tal atividade, ainda precisava estar cerca de duas horas antes do programa na emissora: “Eu tinha que ir muito cedo. Mesmo que a aula fosse lá pelas 15h, às 13h eu tinha que estar lá. Eu, por exemplo, dava ginástica. Tinha outras que davam outras coisas. Eu acabei não indo mais, porque eu não ganhava nada com isso (PACCINI, 2016a).

O trecho do depoimento de Quintina nos remete a pensar a posição ocupada pelas mulheres naquele tempo. A opção de ser professora, muitas vezes, era vista como uma vocação e, em nome desta, favores e pedidos de trabalho não remunerados comumente ocorriam. Em outro trecho de seu relato, Quintina menciona uma ocasião em que atendeu à solicitação de organizar, gratuitamente, uma colônia de férias no interior do estado (PACCINI, 2016b). Na época, embora desempenhasse os papéis de professora, esposa, dona de casa e mãe de três filhos, viu-se obrigada a aceitar o “convite”, após muita insistência. Assim, mudou-se, por dois meses, com os três filhos, para a cidade interiorana. Rememora que seu esposo era um homem muito compreensivo e sempre a apoiara em todas as decisões, mas, reconhece a relação de superioridade e hierarquia existente entre professores homens e professoras mulheres daquele período.

Nos últimos anos de seu trabalho junto à ESEF desempenhara a função de Chefe do Departamento de Ginástica e Recreação e, ao mesmo tempo, prosseguiu dando aulas na disciplina de “Educação Física Geral – Feminina”. Em seu relato, Quintina disse que “a maioria dos professores e professoras tinha também uma função administrativa. Um trabalhava no Departamento Médico, outro no Departamento Administrativo. Por muitos

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

anos foi assim” (PACCINI, 2005, p. 9). Ao final da entrevista Quintina refletiu que, durante os “38 anos que trabalhei na Escola, nunca houve um atrito. Adorei trabalhar e acho que as minhas alunas me adoravam pelo fato que eu sempre dava aula com muito entusiasmo, porque era uma coisa que eu adorava fazer”. Esse entusiasmo sublinhado por Quintina, continua presente nas representações que construiu sobre o seu passado, sobre sua própria trajetória profissional e sobre a percepção da vida que experienciara. Sua narrativa, para além de ser conduzida de modo particular, está alocada na trama histórica de um tempo e espaço específicos, os quais, também orientavam posições e definiam condutas.

Quintina atuou enquanto professora de Educação Física em diferentes espaços, durante um tempo em que este campo era conduzido, majoritariamente, por homens. Deste modo, inserir-se e permanecer atuando neste contexto, durante 38 anos, também nos permite refletir sobre o modo como determinadas relações foram firmadas ou mesmo negociadas. No tópico que segue, abordaremos as percepções de Quintina sobre a presença da mulher no campo da Educação Física da época, no contexto no qual subscrevera sua trajetória.

### **A “senhorinha da fala” repassa sobre ser mulher na educação física**

As professoras normalistas e/ou complementaristas que buscaram uma formação/especialização no Curso Normal de Educação Física da ESEF, provavelmente, foram motivadas em razão do contexto educacional que estava sendo conformado na época. Em fins da década de 1930 foi promulgada a Constituição Federal (1937), a qual, dentre outras orientações, estabelecia a obrigatoriedade da educação física em todos os níveis e graus de ensino do país (BRASIL, 1937). Deste modo, solicitava-se de forma direta, a formação professores(as) de educação física com vistas a sanar a necessidade estabelecida nas escolas primárias do estado.

No cenário específico da ESEF, as mulheres passaram a ocupar diferentes posições, “imprimindo sua identidade em um ambiente permeado por representações predominantemente militares e médicas” (BEGOSSI, MAZO, LYRA, 2019, p. 1). Contudo, mesmo que já possuíssem conhecimentos sobre a então denominada

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“Gymnastica”, obtidos durante a formação nas Escolas Normais e Complementares, e já tivessem atuado, em sua maioria, no interior dos ambientes de ensino escolar do estado, as professoras eram, inicialmente, apenas receptoras de conhecimentos. Na época, quem detinha legitimidade para transmitir os saberes eram, majoritariamente, professores homens, militares e médicos.

Este contexto foi percebido por Quintina, que rememorou a divisão existente entre homens e mulheres para as aulas práticas, bem como a distinção no direcionamento dos(as) professores(as). Segundo ela, em todo período em que frequentou a ESEF, como aluna e professora, nunca houve aulas mistas, especialmente nas disciplinas práticas, “os professores que davam aulas para os rapazes, não davam aula para as moças. [...] Nas aulas práticas eram só professoras mulheres que lecionavam para nós (PACCINI, 2005, p. 3).

A divisão relatada entre homens e mulheres parecia ser sustentada e, sobretudo, fundamentada pelas orientações presentes nos métodos de ensino que conduziam a formação na época. O Método Francês, por exemplo, conforme mencionado anteriormente, orientava em suas “Bases Fisiológicas”, sobre as distinções presentes no desenvolvimento de homens e mulheres. Ao dedicar-se ao estudo deste método, Marinho (1953) sublinhou em sua obra que, após os oito ou nove anos, quando começam a aparecer as diferenças entre os sexos, se deveria também iniciar a adaptação dos exercícios. Na sequência ainda destaca que, no caso das mulheres:

Não se deve existir a preocupação de desenvolvimento muscular ou da força, mas a de obter um perfeito equilíbrio orgânico e favorecer a harmonia das formas, que, na mulher, se caracterizam pelas linhas e curvas. Os exercícios devem visar à função mais importante que a mulher tem a desempenhar, que é a maternidade; esta é a razão pela qual seu fim é favorecer o normal desenvolvimento da bacia (MARINHO, 1953, p. 79-80).

Para além da organização interna das aulas no Curso Normal de Educação Física e as orientações dispostas no Método Francês, que balizava a formação na época, torna-se ímpar evidenciarmos ainda que, durante o período em que Quintina frequentou a ESEF, estava em vigor o Decreto-Lei n.º 3.199, de 14 de abril de 1941<sup>10</sup>. Esta normativa tinha por finalidade organizar os esportes no país e destacava, em seu Artigo 54º, a seguinte

---

<sup>10</sup> A referida determinação manteve-se em vigência até o ano de 1975.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

orientação: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (BRASIL, 1941, p. s/p).

De modo amplo, o conteúdo do Decreto-Lei n.º 3.199, de 14 de abril de 1941 assinalava que não seria permitida às mulheres a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball. Esta determinação também foi rememorada por Quintina, que demonstrou certa incompreensão dos motivos que levaram a promulgação desta normativa legal. Em decorrência da vigência do Decreto-Lei n.º 3.199/1941 disciplinas específicas do Curso Normal de Educação Física não puderam ser cursadas pelas alunas mulheres. Conseqüentemente, a própria formação destas professoras foi prejudicada, especialmente por conta da redução de práticas possíveis de serem trabalhadas por elas, em diferentes ambientes educacionais. Quintina se recordou da esgrima e do futebol e comentou que, embora as alunas defendessem a importância do aprendizado de tais modalidades como essenciais, visto a inserção das professoras mulheres nas escolas primárias do estado, tais solicitações não eram atendidas.

Então como é que elas iam ensinar se elas não sabiam? Já se falava que era necessário que as professoras aprendessem futebol. Mas, alegavam que a bola podia bater no seio e que podia determinar tumores e outras coisas. Então não era interessante que as mulheres jogassem futebol. Isso que alegavam (PACCINI, 2005, p. 12).

Em meio as suas lembranças, Quintina ainda aludiu a existência de debates internos, entre os(as) professores(as) da ESEF e, segundo ela, “todos eram de acordo que as mulheres não deviam fazer futebol”. Para Quintina, o lançamento de peso, por exemplo, “era mais bruto, eu achava horrível, sempre tive horror. Aquele peso, uma coisa horrível, de ferro. Exigia muito das mulheres. Eu achava horrível e, no entanto, havia para as mulheres o lançamento de pesos” (PACCINI, 2005, p. 13).

A descrição do modo como as relações entre alunas e professores da ESEF foram estabelecidas nas representações sobre o passado narradas por Quintina, nos permite associá-las com as reflexões de Chartier (2017, p.51), quando o autor sublinha a importância de compreendermos “como as representações e os discursos constroem as relações de dominação”. Assim, se a presença majoritária de professores militares e

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

médicos no corpo docente que conduzia a formação no Curso Normal de Educação Física da ESEF já nos sinalizava para a presença de hierarquias nada simbólicas, desautorizar a prática de determinados esportes às mulheres, também, demarcava a presença de interesses, os quais, separavam “aqueles cuja potência legitimam daqueles ou daquelas cujas submissões asseguram (ou deveriam assegurar)” (CHARTIER, 2017, p. 51).

Contudo, ainda buscando subsídios para entender a conjuntura nas palavras de Chartier (2017, p. 46-47), ponderamos que “a força dos modelos culturais dominantes não anula o espaço próprio de sua recepção. Sempre existe uma brecha entre a norma e o vivido, o dogma e a crença, as normas e as condutas. Nessa brecha se insinuem as reformulações, os desvios, as apropriações e as resistências”. Partindo desta compreensão, mencionamos que, embora tenha sido estabelecida, de forma legal, a proibição da prática de algumas modalidades esportivas às mulheres, sendo tal orientação asseverada pelas práticas levadas à feito na formação de professoras conduzida pela ESEF, depoimentos como o de Quintina rompem, em certa medida, com tais discursos.

Em sua fala recordou-se do tempo em que se dedicara a esgrima. Ainda que a referida disciplina não fosse ofertada às alunas no Curso Normal de Educação Física da ESEF, Quintina mencionou: “eu fiz esgrima e até competi. O professor era o Pandolfo e eu aprendi com ele esgrima. Ele era ótimo professor e até entrei em competição de esgrima naquela época” (PACCINI, 2005, p. 13). A narrativa de Quintina nos permite enfatizar que, a imposição de normas, regras de conduta e comportamentos devem ser observados de um outro ponto de vista: do lugar onde os chamados “dominados interiorizam sua própria inferioridade ou ilegitimidade e, contraditoriamente, sobre as lógicas graças às quais uma cultura dominada consegue preservar algo de sua coerência simbólica” (CHARTIER, 2017, p. 46-47). Ou seja, apesar das imposições legais e simbólicas frente ao que (não)poderia ser uma prática destinada às mulheres, Quintina decidiu adentrar este espaço e romper com os modelos vigentes.

Diante do exposto, a despeito da disciplina de “Desportos de Ataque e Defesa” vigorar na grade disciplinar do Curso Normal de Educação Física da ESEF voltada, unicamente, aos alunos homens, isso não configurava, portanto, um impedimento para que as mulheres se envolvessem, de alguma forma, com a prática de determinadas modalidades, mesmo que fora do ambiente da ESEF. Apesar disso, torna-se ímpar

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

destacarmos que, também no campo simbólico, Quintina percebia certo julgamento por voltar-se, profissionalmente, ao ambiente do movimento e obter uma formação especializada em Educação Física. Em seu depoimento mencionou:

Eu, para ser franca, quando eu comecei a estudar na ESEF, não era vista com bons olhos, tanto que eu tinha um namorado que dizia: “ela é atleta de cozinha”. Depois disso, eu escondia. Não dizia que era da Educação Física, porque eles achavam que Educação Física era masculina ou que nos masculinizava. Então eu escondia isso” (PACCINI, 2005, p. 6-7).

Na sequência de sua fala reflete: “se isso ocorria comigo, certamente também ocorria com as outras. Eu sempre tive orgulho de ser professora de Educação Física, porém, tinha que esconder” (PACCINI, 2005, p. 7). Deste modo, as narrativas registradas por Quintina nos conduzem a refletir que não era apenas a formação obtida na ESEF, durante os primeiros anos de funcionamento, que direcionava duas identidades profissionais (uma direcionada aos professores homens e outra às professoras mulheres), visto que, a própria sociedade da época posicionava as mulheres em lugares específicos, comumente distintos daqueles ocupados pelos homens. Mesmo assim, mulheres como Quintina, dispostas a romper com certos paradigmas, contribuíram de sobremaneira para forjar novos discursos e, sobretudo, legitimá-los na busca por sustentar espaço em distintos contextos – seja na Educação Física e no Esporte, seja na própria sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em busca de apreender a trajetória de vida de Quintina Cândida Marna Letícia Rachel Crocco Paccini, especificamente com relação ao seu percurso no campo da Educação Física, durante o período de 1940 a 1978, amealhamos seus depoimentos realizados em distintos momentos (2005 e 2016), com as compreensões alocadas no campo da História Cultural (PESAVENTO, 2006; BURKE, 2008; CHARTIER, 2017), em conexão com o entendimento de experiência de Bondía (2002). O diálogo estabelecido nos permitiu posicionar na tessitura do tempo a história de vida de uma mulher que ocupou diferentes espaços e posições no cenário da Educação Física e rompeu, em certa medida, com padrões que estavam em vigor. De tal modo, tratamos de tecer a trajetória de uma “professora anônima”, iluminada na reconstituição de sua vida por

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

especificidades de sua história, as quais permitiram, também, formularmos uma compreensão da formação profissional na área e da constituição do cenário da Educação Física escolar, no estado do Rio Grande do Sul.

Destarte, ao sermos conduzidas pelas narrativas de Quintina, que guarda em sua memória representações particulares sobre o modo como suas experiências a forjaram enquanto mulher, professora e cidadã, também foi possível acessarmos um tempo e espaço específicos, repletos de disputas simbólicas e embates que conduziam, em certa medida, os próprios direcionamentos do campo da Educação Física e do Esporte no país. Reconhecer, registrar e conjecturar sobre trajetórias de vida como a de Quintina, nos permite assentir com um dos trechos de seu depoimento, que diz o seguinte: “O homem é grande não pela sabedoria que acumula, mas, pelas coisas que ele cria, pelas obras que ele realiza, pelas ideias que ele transmite, pelo exemplo que nos deixa” (PACCINI, 2016b, p. 2). Deste modo, evidenciamos que a trajetória de vida de Quintina nos deixou um legado que perpassa sua prática profissional e nos inspira, também, enquanto mulheres, herdeiras de sua persistência e de sua conduta no campo da Educação Física sul-riograndense.

## Referências

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKI, Carla. (Org.). **Fontes históricas**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 23-80.
- BEGOSSI, Tuany Defaveri. **A construção dos Saberes Disciplinares do Curso Normal da Escola Superior de Educação Física do estado do Rio Grande do Sul**. 2017. 187f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Porto Alegre, RS.
- BEGOSSI, Tuany Defaveri; MAZO, Janice Zarpellon; LYRA, Vanessa Bellani. O Curso Normal da ESEF e a formação pioneira de professores(as) de Educação Física no Rio Grande do Sul (1940-1956). **Revista Pro-Posições**, Campinas/SP, v. 30, e20180040, 2019.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n.19, p.20-28, Apr. 2002.
- BRASIL, 1937. Lei n. 378 de 13 de janeiro de 1937. Dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro, seção 1, p. 1210,

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

13 jan. 1937. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-378-13-janeiro-1937-398059-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 2021.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm)>. Acesso em: 2021.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo** (tradução Cristina Antunes). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2017.

LYRA, Vanessa Bellani. **A Criação da Escola Superior de Educação Física do Rio Grande do Sul: formação de professoras(es) para a construção do campo (1940-1970)**. 2013. 265f. Tese (Doutorado), Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MARINHO, Inezil Penna. **Sistemas e Métodos de Educação Física**. São Paulo, 1953.

PACCINI, Quintina Cândida Letícia Rachel Crocco. **Curriculum Vitae**. Porto Alegre, 21 de novembro de 1975.

PACCINI, Quintina Cândida Letícia Rachel Crocco. **Quintina Paccini (depoimento, 2005)**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/50031>>. Acesso em: 2021.

PACCINI, Quintina Cândida Letícia Rachel Crocco. **Quintina Paccini (depoimento, 2016a)**. Porto Alegre: Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME). Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016a.

PACCINI, Quintina Cândida Letícia Rachel Crocco. **Quintina Paccini (depoimento, 2016b)**. Porto Alegre: Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME). Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016b.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma *velha-nova* história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006. <<http://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>>. Acesso em: 2021.

PESAVENTO, Sandra J. Fronteiras da História: uma leitura sensível do tempo. SCHÜLLER, Fernando; AXT, Gunter; MACHADO, Juremir (Orgs.) In: **Fronteiras do Pensamento: retratos de um mundo complexo**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2008.

PEREIRA, Ester Liberato. **Configurações sociohistóricas da equitação no Rio Grande do Sul: uma investigação das redes de interdependência nas práticas esportivas equestres**. 2016. 254f. Tese (Doutorado), Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.